
ESCREVIVÊNCIAS SOBRE BEM VIVERES E RESISTÊNCIAS CONTRACOLONIAIS

APRESENTAÇÃO

Lucélia Gonçalves Moraes¹
Polyana Almeida Frota Lima²
Rodrigo Peixoto³

Os artigos da coletânea *Escrevivências sobre bem viveres e resistências contracoloniais* falam de realidades pessoais em contextos diversos, por isso as palavras do título estão no plural. Em perspectivas subjetivas, as autoras e autores tocam em situações e experiências vividas que na maioria dos casos refletem buscas, desafios e dores. Coisas distantes da ideia individualista e burguesa de qualidade de vida que a expressão bem viver poderia dar a entender. De fato, não há uma definição única de bem viver, porque suas diferentes possibilidades reportam-se a contextos sociais, culturais e políticos particulares. Sempre, no entanto, referindo-se a vivências plenas, incluindo conteúdos materiais e afetivos, em coletividade. Diante de tantos desafios, buscamos refletir: O bem viver faz sentido na pós-graduação universitária?

A noção do bem viver viajou no espaço e no tempo, desde as tradições andinas Quechua (*Sumak Kawsay*) e Aymara (*Suma Qamaña*), para ganhar terreno aqui, nos contextos e territórios da Amazônia. Ao invés de significar um idílico e idealizado cenário de paz e acomodação, a expressão ‘bem viver’ traz com ela construção e luta por um presente e um futuro melhores do que, por exemplo, as circunstâncias vividas e descritas nas escrevivências

¹ Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, na Universidade Federal de Pernambuco – PRODEMA/UFPE. Email: lucelia.moraes@ufpe.br.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), membra do grupo de pesquisa MENS MEMINÍ-Religião Memórias e Trajetórias ligado à Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: polyanafrota@gmail.com.

³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA), coordena o projeto de pesquisa CNPq “AWASURARA: Quilombolas e Indígenas nos territórios e na universidade”. Trabalha com metodologia, cartografia social e educação quilombola. Elabora e submete propostas coletivas com estudantes quilombolas e indígenas para financiar projetos e políticas. E-mail: rodrigopeixoto1810@gmail.com.

desta coletânea. Mais do que um contraponto teórico ao individualismo neoliberal, as potencialidades do bem viver precisam ser postas em movimento, em sentido prático.

A crítica da ordem estabelecida e o propósito de mudança são teores centrais do bem viver, desde as crônicas e desenhos de Felipe Guamán Poma de Ayala, produzidos no longínquo século XVII, na luta por liberdade e justiça deste indígena em favor dos seus iguais, contra os sofrimentos impostos pela colonização espanhola. E dialoga de forma direta com a ideia de contracolônização do autor quilombola brasileiro Nêgo Bispo, que propõe superar o colonialismo não por teoria, mas por prática, rejeitando a lógica adestradora e eurocêntrica, valorizando as experiências dos quilombos, aldeias e terreiros, resistindo à imposição de termos academicistas padronizantes, e buscando uma confluência de saberes. A proposta de sair da condição de sofrimento, de subalternização, e assumir a condição de autores, de protagonistas, é o convite feito pela autora do conceito de Escrivência, a escritora brasileira Conceição Evaristo. Contar nossas próprias trajetórias de vida, da nossa forma, e com nossos próprios termos, torna-se, dessa forma nossa resistência contracolônial.

O bem viver é relacional. Tem como fundamento as relações – generosidades, reciprocidades, solidariedades, espiritualidades, afetos, festas, encontros face a face, estes são desde sempre princípios do bem viver. Mas também a luta e o conflito definem as formas do bem viver, que, em vez de uma noção teórica fixada geográfica e temporalmente, precisa ser uma prática situada no seu contexto específico. Por ser o bem viver necessariamente relacional, a disciplina que deu origem a essa coletânea buscou criar um ambiente não só para a expressão de subjetividades, como também de encontros e intersubjetividades. Pensamos criar diálogos intersubjetivos para um ambiente de bem viver na disciplina, questionando o individualismo e a solidão que caracterizam o padrão canônico da produção científica na pós-graduação. Assim, a metodologia de produção de conhecimento que então pretendemos criar teve a ver com um falar de si em situação de diálogo.

Abrir campo para uma conversação temática é algo potencialmente gerador de conhecimento. A interlocução aguça emoções e pensamento; abre espaço para um conhecimento compartilhado. Portanto, em conflito com o eurocentrismo universitário, que se propõe neutro, objetivo, abstrato e distanciado das condições existenciais concretas, empreendemos uma proposta de letramento crítico que, mediante um falar de si compartilhado, revelasse injustiças, racismos, capacitismos, machismos e outras iniquidades do mundo.

Pretendemos assim um conhecimento situado⁴ e produzido a partir da vivência. O conhecimento que a literatura de Conceição Evaristo desvela vem de personagens que olham e vivem o mundo desde uma condição subalternizada.

Ainda com respeito ao método de produção de conhecimento, propusemos inicialmente alcançar a linguagem escrita a partir da oralidade, considerando que emoção e sentimento podem fluir melhor pela fala. Mas nem sempre é assim e certamente nem todos os artigos da coletânea foram produzidos conforme essa lógica, ou o foram apenas parcialmente. A escrita de Conceição Evaristo é próxima da linguagem falada, mas é escrevendo que a autora, segundo ela própria, realiza seu projeto literário e político de humanizar pessoas desumanizadas, dando-lhes poder de escolha, inclusive a escolha da alegria, apesar da dura adversidade em que vivem. Produção de conhecimento fundada em vivências compartilhadas foi o que pretendemos colocar em ação. Em boa medida, os artigos da coletânea refletem isso. E refletem também um nós, pessoas diferentes, cada qual em sua própria circunstância, mas de certa maneira em condições existenciais e sociais próximas umas das outras. Assim, não é um eu narcisístico e isolado o que se revela. A escrevivência de Conceição Evaristo também busca isso: um falar de si como expressão coletiva de dores, afetos, e desejo de mudança.

Logo na primeira sessão da disciplina fizemos uma roda de conversa, em que cada uma e cada um – nessa turma numerosa com cerca de trinta estudantes – expressou suas experiências profissionais e acadêmicas, histórias de vida, memórias e lutas do presente, tecendo trechos autobiográficos em conjunturas sociais diversas. Nessa ocasião, como ponto comum a todas narrativas, a crítica e a emoção afloraram muito:

“Por que somos inimigos dentro da comunidade? A colonização está em nós”. “Homens brancos, europeus, clássicos, grade curricular, ementas, que tipo de professores estamos formando?”. “Vejo ações e vingança de policiais, homens negros vitimando outros homens negros”. “Penso gênero a partir do território. As mulheres quilombolas tem um posicionamento próprio. Temos concepções e narrativas próprias, a partir do território”. “As gentes se acolhem na comunidade, tem solidariedade, mas a criminalidade na periferia preocupa”. “O agronegócio está chegando em Nossa Senhora da Conceição. É preciso ter cuidado com a natureza, com a espiritualidade”. “As pessoas te julgam por você aparentar ser indígena ou te julgam por você não aparentar suficientemente ser indígena”. “A gente cresce no meio de muita violência”. “Sai de casa com 20 anos, com uma vontade enorme de estudar. Entrei em Ciências Sociais com 25 anos, mas não sabia contar a história da minha avó, de onde a minha família vinha. Tive que escolher entre o casamento e a universidade”. “Eu me sentia incomodada por não poder falar sobre mim e tudo que envolve e está relacionado à deficiência. Passei por muitas violências capacitistas na universidade”. “Tenho interesse na relação entre plantas e pessoas no Candomblé. A pós-graduação tira o nosso brilho, nunca gostei dessa escrita acadêmica”. “Ir para a religião afro era um bagulho muito doido. É uma parada muito louca”. “Precisamos ir aos territórios para ver a crise climática e as populações tradicionais”.

⁴ O conceito de “conhecimento situado” (*Situated Knowledges*) da autora Donna Haraway, central em seu texto “Saberes Localizados”, defende que todo conhecimento, inclusive o científico, é parcial, contextual e corporificado, surgindo de posições específicas e não de uma visão neutra e universal.

De fato, com o apoio que conseguimos na UFPA Campus Belém, e seguindo a sugestão dada pela colega Lucélia, saímos das quatro paredes e fomos à cidade de Soure, no arquipélago do Marajó, onde fomos recepcionados pelo professor Nivaldo Aureliano Léo Neto, o Caju, coordenador do Laboratório de Etnobiologia e Educação Intercultural (LEEI), da UFPA Campus Soure. Tivemos a honra de participar do evento “Encontro - Caminhos de Saberes: Na Trilha dos Patrimônios, Culturas e Educação”, e este foi um ponto alto na nossa trajetória. Conhecemos e aprendemos com gente interessante, participamos de rodas de conversa e de aulas-show com artistas locais, fizemos amizades e administramos as necessidades de transporte, acomodação e alimentação. Viajar em grupo para trocar ideias e experiências em outros contextos nos permitiu acessar outros pontos de vista e isso foi importante para o empreendimento epistêmico que organizamos coletivamente. Nos sentimos bem antes, durante e depois da viagem ao Marajó, e, em nosso grupo, vigorou um bem viver.

Contudo, nem sempre é assim e nem todo mundo daquela turma numerosa conseguiu participar dessa viagem, e tampouco pôde escrever artigos para a presente coletânea, cuja organização também não foi fácil. Tivemos dificuldades e conflitos num certo momento, mas conseguimos realizá-la. O bem viver depende de relações humanas, que nem sempre são perfeitas e serenas. Conflitos surgem entre as pessoas, por tensões e motivos vários. No grupo, isso aconteceu, e nossa busca foi por melhorar a comunicação e recuperar a empatia, em uma nova forma de organização do trabalho. Não foi, portanto, um processo fácil, mas bem viver é persistência na proposta de construir boas relações e é também boa-vontade e perdão. Quando esses valores não estão presentes, resta a resistência, como mostra Conceição Evaristo, ao situar suas personagens femininas em situações adversas e incontornáveis, e ainda assim evocando alegria, essa escolha que caracteriza as suas personagens mulheres na condição afrodiaspórica, que resistem inventando alegrias em situações que oferecem quase nenhuma escolha.

Concluimos a publicação nesta prestigiosa revista PRACS, da Universidade Federal do Amapá, mas o bem viver não é uma linha de chegada, é sempre processo. Começo, meio, e começo, como ensina Nêgo Bispo. Quando se chega a um lugar a que se aspirava, é uma alegria, e aqui estamos, celebrando. E outros horizontes se abrem, com outras perspectivas. Esperamos que perspectivas ainda melhores, e não apenas esperamos, mas queremos agir para que de fato melhores horizontes se abram para nós, para os nossos, e os coletivos a que pertencemos. Aproveitamos essa apresentação para agradecer profundamente à grande Mayara Teodoro, que abriu a possibilidade de tornar este sonho real, e ao Davi Rosendo, que abraçou e viabilizou o projeto.